

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. “A experiência religiosa e a institucionalização da religião” in: Revista de Estudos Avançados. 18(52), 2004. Pgs. 29-46.

Este texto aborda aspectos relacionados à institucionalização da religião, do sagrado ou da experiência religiosa, seja ela particular ou coletiva. Foi possível identificar que experiências religiosas, ou com o sagrado, não estão restritas a determinados tipos de religião ou culto, mas podem ser experimentadas por qualquer pessoa nos mais diferentes locais. Percebe-se que nem sempre existe um padrão bíblico em tais experiências.

Em 10 de Abril de 1974 falecia em Paris, aos 76 anos, Roger Bastide, pioneiro da Sociologia da Religião no Brasil. O serviço fúnebre, oficiado na capela protestante da Clínica de Maisons-Laffite pelo pastor Raymond Leenhardt, do Instituto de línguas Orientais da Sorbonne, foi acompanhado por “tambores religiosos, alternando toques brasileiros e africanos, reunido assim numa só homenagem às religiões que sem dúvida formavam o pano de fundo de todo o pensamento de Roger Bastide, homem e sociólogo: o protestantismo e os cultos afro-brasileiros”.

É extraordinário que um protestante de tradição calvinista, formado, portanto, no rigor dogmático e ético da reforma franco-suíça, com seu culto extremamente intelectual e, diríamos mesmo, desencantado e quase secular, beirando o profano no sentido puramente técnico deste termo, tivesse uma cerimônia fúnebre de tal natureza. Pois que os tambores afros não representavam outra coisa se não o mistério de cultos em que os deuses se mostram de maneira diferente, não enquadrados em dogmas ou éticas institucionais.

Talvez um trecho do sermão fúnebre do pastor Leenhardt nos ajude a entender a personalidade de Bastide, personalidade que o levou a perseguir tenazmente a percepção do sagrado nas religiões. Disse o pregador: “Sua grandeza d’alma se desenvolveu estreitamente ligada ao torrão cevenol, e a mensagem evangélica trouxe ao vigor de seu pensamento uma abertura, um equilíbrio entre espírito e coração...”.

Quanto aos místicos, pela própria natureza de sua experiência religiosa, difícil de ser posta em forma discursiva e sistemática, em geral não incomodavam a igreja. Regra geral, têm uma trajetória paralela à vida da igreja, não contribuindo diretamente para a sistemática, mas oferecendo exemplos notáveis para a vida cristã.

Em suma, o que estou querendo dizer é que esta questão da experiência religiosa, ou a visão e a experimentação do sagrado como sendo algo exclusivo de

religiões exóticas e primitivas, não prevalece hoje no estudo das religiões. A história da vida institucional do Cristianismo mostra, em todas as suas diversas manifestações, que a experiência religiosa, seja individual ou coletiva (neste caso, grupos ou comunidades místicas em fase às vezes pré-institucional), está sempre presente provocando retornos e simplificações institucionais.

Essa gestão do sagrado pela igreja, diz Bastide, ao contrário do que se pode pensar, tem um aspecto ou valor positivo, pois que assegura sua continuidade sob a forma de uma comemoração, de uma “lembrança” ensurdecida, de uma memória ou tradição. Por outro lado, porém, a instituição, através de sua liturgia burocratizada, impede que o sagrado volte em inovações perigosas, e também com outro discurso, um discurso diferente do aceito pela ortodoxia. A liturgia padrão, assim como o discurso certo da ortodoxia, aprisiona o sagrado, transformando-o de selvagem em dominado.

No protestantismo, ao contrário, os inovadores, os reformadores, todos aqueles que se esforçam por volta a um sagrado mais “quente”, são logo excluídos. Como o sistema, o princípio, de ordenação tornou-se legal ou burocrático, independente da transmissão do carisma, os dissidentes formam logo outras instituições e consagram seus pastores sem outras formalidades. Além disso, a ausência de um centro exclusivo de poder e de gestão do sagrado permite o surgimento circunstancial de confissões de fé que sustentam diversas denominações. Para simplificar e exemplificar, poderíamos dizer que as tradições surgidas diretamente da Reforma, nas suas vertentes principais que foram a anglicana, a luterana e a calvinista ou reformada propriamente dita, mantendo, ou procurando manter, seus elementos religiosos fundantes, viram e continuam vendo sucessivas e múltiplas dissidências que se propõem a recuperar um sagrado mais “quente”.

Moisés não viu a Deus, não pôde fazê-lo porque foi impedido de se aproximar, mas viu o fogo, símbolo do sagrado, centro mesmo da hierofania. A voz se identificava com o SER absoluto de Deus: “Eu sou”, aquele que é a plenitude do ser e, por isso, não tem nome porque o nome por si já se limita o ser. Mas este pleno “Eu sou” apresenta-se limitado a Moisés porque o sujeito da hierofania é incapaz de apreender o “Eu sou” pleno. O que Moisés vê? Vê o fogo que, com o seu poder extremamente móvel, imprevisível, não dominado, que não se sabe de onde vem nem para onde vai e que não consumia a sarça, como parte do sagrado que assim se revela.

O evento mítico, ao mesmo tempo transformador e fundante, transformador quanto ao Judaísmo e fundante quanto ao Cristianismo, “racionaliza” ou

“justifica” a tese de origem sobrenatural da igreja, sua universalidade e pobreza original. O livro de Atos narra outros eventos hierofânicos miraculosos, como a nova manifestação de forças da natureza na liberação de Paulo e Silas da prisão de Filipos (Atos 16, 26), para legitimar a hierofania e, como sugere Eliade, corrigir rotas e consolidar princípios da nova religião. Mas, o Pentecostes, como tal, não se repetiu nos registros do Novo Testamento. Mesmo a Reforma não abalou esse fundamento institucional do Cristianismo. Fixaram-se somente os ritos e as doutrinas em torno deles.

A experiência religiosa do sagrado, portanto, a rigor realizada por Eliade no seu conceito e análise das hierofanias, é fundante e transformadora da religião, podendo ser ambas as coisas ao mesmo tempo. Mas, também pode ser conservadora, mantendo no interior mesmo da religião aquela dinâmica, ou ebulição, necessária para que continue viva. Mesmo que as religiões acreditem em permanecer como tais porque se remetem sempre à sua tradição e memória, por intermédio do seu instrumento clerical e sacerdotal, elas estão sempre se modificando através de outro instrumento que é o profetismo contestatário e corretivo que há no seu interior.

A teoria dos círculos concêntricos permite-nos percorrer a trajetória, ou o gradiente sagrado-intuitivo-sagrado-instituído, inclusive as diferentes formas de expressão individual e social da religião. Suponhamos três círculos concêntricos. O primeiro, o exterior, revela parcialmente o objeto sagrado, as maneiras pelas quais o sagrado se revela no mundo empírico porque pode ser percebido pelos sentidos, fenomenologicamente nas “aparições” das condutas pessoais e nas instituições. São as maneiras ou formas pelas quais o sagrado se manifesta, principalmente nas instituições religiosas visíveis: templos, cultos, ritos, objetos sagrados etc. É o mundo do sagrado dominado, instituído.

Nosso intuito foi expor aquele duplo caminho, de ida e volta, entre a experiência religiosa psicológica ou hierofânica, se é que se pode separar uma da outra, à religião institucionalizada ou igreja, no caso do Cristianismo. Esse percurso, que constitui um gradiente, apresenta o sagrado como constituinte ou constituído e é, ao mesmo tempo, conservador e transformador da religião. E, por fim, através da teoria dos círculos concêntricos de Federico Heiler, mostrar idealmente os campos específicos da religião, dedicando atenção especial à formação da religião como instituição e o caminho de saída da religião, modelarmente representado pela mística.